

“Notícias da Lua” – a cobertura da primeira alunagem pela imprensa açoriana

SUSANA SERPA SILVA*

O ano de 1969 e a imprensa diária açoriana

Em finais da década de 60 do século XX, a corrida ao espaço e os avanços tecnológicos a ela associados ditavam o ritmo da ciência, da política e das relações internacionais, num mundo bipolarizado há mais de duas décadas. A conquista da Lua concitou as atenções mundiais, constituindo um dos eixos, menos ameaçador, da competição entre as duas superpotências. Nas elucidativas palavras de Asa Briggs:

Apesar de todas as suas divisões políticas e ideológicas, o planeta tornou-se uma entidade única, iluminada quando os astronautas deram a volta à Lua, em 1968, descobrindo o seu lado escuro, e quando, um ano mais tarde, o primeiro homem, um americano, passou de facto sobre ela. “É um pequeno passo para um homem”, disse ele, “mas um grande salto para a humanidade”. A rivalidade no espaço entre Russos e Americanos proporcionou o estímulo para esta aventura; aventura cara, mas menos perigosa para a humanidade do que a rivalidade no solo terrestre. Contudo, por volta de 1973, os problemas do planeta relativos ao meio ambiente,

* Universidade dos Açores, CHAM e FCSH, Portugal.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1357-4196>. *E-mail*: susana.pf.silva@uac.pt.

considerados numa escala global e inter-relacional, começavam a receber mais atenção do que o espaço exterior. (Briggs 1995, 9)

Como refere a autora, os divisionismos ter-se-ão esbatido ligeiramente quando todo o planeta, como entidade única, se viu “iluminado” pelos feitos em torno da lua, desde a descoberta do seu lado escuro ao pisar do solo lunar pelo primeiro ser humano. Não obstante, esta arrojada aventura foi impulsionada pelas intensas rivalidades entre soviéticos e norte-americanos no contexto da Guerra Fria que “foi travada a níveis diversos, de maneiras diferentes e em vários lugares durante um longo período de tempo” (Gaddis 2007, 11).

O impacte das viagens à lua e, em especial, da primeira alunagem concretizada pelos norte-americanos, a 9 de Julho de 1969, tornou-se um fenómeno quase global, pelo que também aos Açores, apesar dos constrangimentos da insularidade, as notícias deste arrojado empreendimento iam chegando através da rádio e da imprensa, sendo seguidas pelos grupos sociais mais ilustrados da sociedade local. Com o intuito de compreendermos o papel dos jornais na divulgação das “notícias da lua” e, por consequência, que tipo de informações chegavam às populações insulares – ainda que circunscritas aos assinantes e eventuais leitores avulso –, tomamos como referência três periódicos diários, então publicados nas três cidades do arquipélago: O *Diário dos Açores*, o *Diário Insular* e O *Telégrafo*.

O *Diário dos Açores* fundado, em Ponta Delgada, a 5 de Fevereiro de 1870, pelo jornalista Manuel Augusto Tavares de Resende, terá sido inspirado no *Diário de Notícias*, surgido, em Lisboa, cinco anos antes (Andrade 1994, 73). Um dos primordiais objectivos deste periódico era o de ser um órgão quotidiano de informação, que levasse, aos micaelenses, as notícias do mundo, mal chegassem à ilha. Apesar do seu irregular percurso nas décadas seguintes à da sua fundação – que até motivou a alteração do título para *O Novo Diário dos Açores* –, este quotidiano, sem fins políticos, iniciou uma terceira série, com a designação original, em 1891, um ano antes do falecimento do seu fundador. Quatro novas gerações prosseguiram com o programa original, mantendo-se este diário ainda em publicação, integrando o restrito, mas muito significativo, leque de jornais centenários açorianos (Andrade 1994, 73-83).

O *Diário Insular*, da cidade de Angra do Heroísmo, foi fundado em 1946, saindo o seu primeiro número a 16 de Fevereiro. Segundo Carlos Enes, deu continuidade ao jornal *A Pátria* e ficou ligado ao Estado Novo, usufruindo, por isso, de algumas regalias financeiras. O seu primeiro director foi Joaquim Rocha Alves, mas a figura mais preponderante foi a de Cândido Pamplona

Forjaz, que esteve ligado ao jornal desde a sua fundação e foi seu director entre 1961 e 1974. Com um espírito combativo, o jornal defendeu o regime, opôs-se acerrimamente ao comunismo, pugnou pela defesa dos interesses dos Açores, e da Terceira em particular, nas mais diversas áreas. O seu lema "Pelos Açores ao serviço da Nação" foi cumprido na íntegra. Porém, apesar de conotado com o Estado Novo, chegou a ser alvo de censura. Ainda se mantém em publicação e, de entre os três jornais a que nos reportamos, foi aquele que deu maior visibilidade às viagens à lua e, em especial, à primeira alunagem. Consequência da proximidade da base das Lajes?

O *Telégrafo*, sediado na Horta, foi fundado em 1893, associado à instalação do cabo submarino, tal como transparece no próprio título. Visava, como instrumento moderno, informar com segurança e depressa, sem facciosismos políticos e unicamente com propósitos noticiosos, como podemos ler no n.º 1, de 2 de Setembro daquele ano. A partir de 2004 este periódico deixou de ser publicado. A ilha do Faial ficou a dever este histórico jornal ao picoense Manuel Emídio Gonçalves, o qual pugnou pelos interesses das ilhas do canal. Durante décadas este jornal foi produzido por uma empresa familiar, onde colaboraram filhos (como o jornalista Rogério da Silva Gonçalves), netos e bisnetos. Fruto da evolução tecnológica de finais de oitocentos, aquele que foi o segundo mais antigo jornal diário açoriano, através das suas páginas e até finais do século XX, constituiu "um espaço cultural de iniciação e revelação, de crítica e debate" (Andrade 1994, 117).

Todos estes periódicos assumiram um papel muito importante para o arquipélago e, apesar do seu carácter de jornais quotidianos, com forte incidência local, traziam a público, diariamente, notícias do mundo, do país e da região, sendo essa a prática normal também ao longo de 1969. Em termos globais, o maior destaque era concedido aos assuntos políticos do chamado mundo ocidental, reflexo do alinhamento de Portugal com os EUA, salientando-se, assim, grandes questões como a ameaça nuclear, a corrida espacial (sobretudo norte-americana), a guerra do Vietname, bem como o vaivém dos detentores do poder: vitória e tomada de posse de Richard Nixon, tomada de posse de Golda Meir (Israel), demissão do presidente francês Charles de Gaulle e consequente eleição de Pompidou e, ainda, eleição do chanceler alemão, social-democrata, Willy Brandt. Contudo, outras temáticas emergiam nas páginas da imprensa açoriana, relacionadas com o avanço científico – tão prolixo na década de 70. Foram os casos, por exemplo, do primeiro transplante cardíaco e das pioneiras experiências da aviação supersónica. Por último, mereceu igualmente maior atenção o falecimento de algumas figuras públicas,

como o presidente americano Eisenhower e a actriz Sharon Tate, cuja morte, por assassinato, chocou todos os amantes da sétima arte¹.

No tocante às notícias nacionais, e no âmbito das políticas editoriais vinculadas ao Estado Novo, era concedido enorme e propagandístico relevo à informação sobre o estado de saúde do Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, bem como às viagens de Marcelo Caetano a Luanda, Lourenço Marques e Brasil. Também foram reportadas as eleições para a Assembleia Nacional e, como não podia deixar de ser, notícias politicamente correctas sobre a Guerra Colonial. O nacionalismo do regime, sempre atento a motivos de incremento de orgulho patriótico, fez (justamente) destacar a evocação do centenário do nascimento de Gago Coutinho, constituindo nota dissonante, neste conjunto, as informações sobre um grande sismo em Lisboa, fenómeno não muito frequente nestas paragens. Por último, entre os assuntos de âmbito regional, salientaram-se preocupações relativas à emigração açoriana, aos transportes aéreos e ao turismo (sector ainda muito deficitário), bem como a importante visita dos Ministros da Educação e das Obras Públicas, mormente quando, em pouco tempo, se inauguraram os escritórios da TAP em Ponta Delgada, na sequência da significativa obra do aeroporto da Nordela, em São Miguel, cuja inauguração, a 24 de Agosto deste ano, com a presença do Chefe de Estado, fez manchete no *Diário dos Açores*². Seguiram-se outros destaques como o voo inaugural entre a ilha de Santa Maria e a cidade de Nova Iorque³.

Quer para a generalidade das notícias internacionais e portuguesas, quer no tocante, em particular, à corrida espacial e às viagens à lua, incluindo o grande acontecimento de Julho, as principais fontes da imprensa insular foram a Agência de Notícias e de Informações (ANI) e a Emissora Nacional (EN). A ANI fora fundada em 1947⁴ e integrava, desde 1968, a Secretaria de Estado

1 Ver números do *Diário dos Açores*, do *Diário Insular* e do *Telégrafo*, no ano de 1969. Veja-se também Keylor 2001, 355-380.

2 *Diário dos Açores*, n.º 27.077, 25 de Agosto, 1969.

3 Ver números do *Diário dos Açores*, do *Diário Insular* e do *Telégrafo* do ano de 1969.

4 A primeira agência noticiosa portuguesa – a *Lusitânia* – foi fundada em 1944, por Luís Caldeira Lupi, jornalista correspondente da *Associated Press* e da *Reuters*. Porém, funcionava como secção da Sociedade de Propaganda de Portugal, dependendo directamente do governo. Além disso, pela ausência de estatuto jurídico e pela forma como trabalhava, não se pode considerar uma autêntica e isenta agência noticiosa. Em 1947, a fundação da ANI representa, então sim, o surgimento da primeira agência noticiosa portuguesa, que pode ser entendida como tal. Apoiada por Marcelo Caetano, a partir dos anos 50 do século XX, consagrou-se ao noticiário proveniente das colónias e ao noticiário internacional, concorrendo com a *Lusitânia*, que acabaria por estagnar (Silva, s.d.).

de Informação, Cultura Popular e Turismo, da Presidência do Conselho de Ministros. Esta Secretaria absorveu as competências do antigo Secretariado Nacional de Informação (SNI), criado em 1944. Como se depreende, era um organismo dependente do Estado e, por conseguinte, sob alçada e vigilância do regime. A EN, também sob controlo do sistema, fora criada em 1933, pelo Eng. Manuel Bívar, coincidindo precisamente com a implantação do Estado Novo. Embora o interesse pela radiodifusão fosse anterior, remontando aos anos 20, todas as iniciativas tinham sido de natureza privada. Nos anos 30, o interesse dos governantes transformou este sector e todos aqueles que se relacionavam com a radioelectricidade passaram a monopólio do Estado (Ribeiro 2007, 175-176). Instalada na Rua do Quelhas, a EN foi oficialmente inaugurada a 1 de Agosto de 1935, após algumas emissões experimentais. Pelo decreto-lei n.º 30.752, de 14 de Setembro de 1940, passava a ser Emissora Nacional de Radiodifusão, com regulamentação própria e, em 1944, ficaria sob dependência do Secretariado Nacional de Informação. Desde o início, a sua função política foi considerada tão importante como a sua missão educativa (Ribeiro 2007, 179).

Para além das agências noticiosas oficiais, havia vários correspondentes, alguns deles jornalistas estrangeiros. Muita informação era retirada de outros periódicos nacionais, como o *Diário de Notícias*, existindo rubricas como “Notícias da Califórnia”, da responsabilidade do Padre José Augusto Ferreira que, além de colaborar com jornais portugueses publicados nos EUA, enviava as suas crónicas para os Açores, sob o pseudónimo Ferreira Moreno. Este correspondente acabou por escrever para os três jornais diários em estudo.

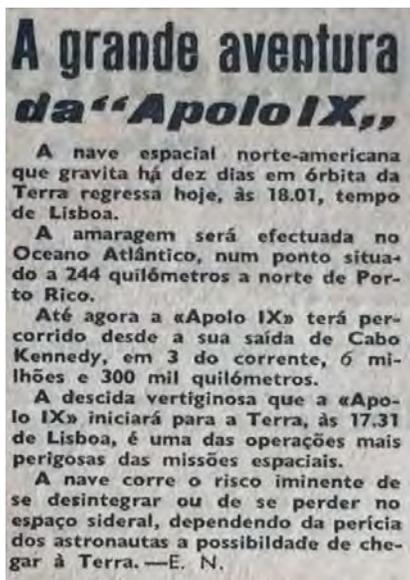
As viagens à lua, não só deram corpo a numerosas notícias – talvez mais do que se pensaria, numa região periférica e insular –, como motivaram a publicação de múltiplos e interessantes artigos de opinião.

A corrida ao espaço vista pelos três diários açorianos

Ao longo do ano de 1969, o *Diário dos Açores* foi publicando diferentes notícias relacionadas com as viagens à lua que vinham, quase sempre, em destaque na primeira página, na rubrica intitulada “Últimas Notícias”. Logo em Janeiro, foi destacada a presença dos “heróis” da Apollo 8 na ONU⁵ e, quatro dias depois, a constituição da equipa de astronautas que ia levar a Apollo 11 a pousar na lua: Neil Armstrong, Michael Collins e Buzz Aldrin⁶. Ainda que os norte-americanos

5 *Diário dos Açores*, n.º 26.894, 11 de Janeiro, 1969.

6 *Diário dos Açores*, n.º 26.898, 15 de Janeiro, 1969.



1 Recorte do *Diário dos Açores*, n.º 26.946, de 13 de Março de 1969.

Colecção de Periódicos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

mercessem uma cobertura maior, não eram descuradas as façanhas dos soviéticos. Pelo contrário: também na primeira página do diário, surgiam notícias que davam conta de que as cápsulas russas “Soyuz 4” e “Soyuz 5” tinham acoplado em pleno voo⁷ ou de que a “Vénus 6” partiria da Rússia, comprovando a persistência da URSS na exploração do espaço⁸. Ao mesmo tempo que era dado grande relevo ao programa espacial dos EUA, anunciava-se “O êxito das cápsulas espaciais russas e a sua repercussão na Europa e na América”⁹.

Ainda em Janeiro, o jornal noticiou um atentado a astronautas russos, às portas do Kremlin, com base no que avançara o *Sunday Times*¹⁰, mas, a partir de Março, este assunto foi completamente obliterado pela missão da Apollo 9, uma vez que se tratava do prólogo do ansiado desembarque na lua¹¹. Os títulos evidenciam o espírito

entusiástico com que o jornalismo de então acompanhava estes empreendimentos científicos, abundando expressões como “momento crucial”, “arriscada ou espectacular viagem planetária”, “êxito completo”, “conquista” ou “grande aventura”¹², como se pode conferir num recorte do *Diário dos Açores* de 1969 (fig. 1), que descreve uma das operações mais arriscadas desta nave, ou seja, o regresso à Terra e a amargem prevista a norte de Porto Rico.

Também no *Diário Insular* as notícias relacionadas com a corrida ao espaço eram publicadas na primeira página, ilustradas com fotografias e por vezes integradas na rubrica intitulada “Actualidade Mundial”. Tal como o seu homólogo de Ponta Delgada, este periódico ia dando visibilidade ao programa

7 *Diário dos Açores*, n.º 26.899, 16 de Janeiro, 1969.

8 *Diário dos Açores*, n.º 26.899, 16 de Janeiro, 1969.

9 *Diário dos Açores*, n.º 26.900, 17 de Janeiro, 1969.

10 *Diário dos Açores*, n.º 26.910, 29 de Janeiro, 1969.

11 *Diário dos Açores*, n.º 26.937, 3 de Março, 1969 e n.º 26.939, 5 de Março, 1969.

12 *Diário dos Açores*, n.º 26.946, 13 de Março, 1969.

espacial russo, mas sempre com maior ênfase para os feitos dos norte-americanos, ou não estivesse já instalada, na ilha Terceira, a Base Aérea n.º 4 das Lajes, onde, desde 1946, se fazia sentir a presença americana¹³. A descrição do satélite terrestre como um “deserto imenso, solitário, desolado e vazio de almas e de coisas”, fez manchete em Janeiro de 1969¹⁴, ao mesmo tempo que o jornal comprovava a possibilidade de assistir, a partir de lá, a um impressionante “nascido da Terra”¹⁵. A viagem da Apollo 8 possibilitara, aos selenitas dos EUA, a recolha de espectaculares fotografias da superfície da Lua, incluindo a sua face oculta.

Numa breve síntese, o *Diário Insular* explica assim a diferença de rumo entre as políticas soviética e norte-americana:

A corrida para a conquista da Lua intensificou-se e tomou aspectos particularmente dramáticos durante o ano [1968].

A União Soviética e os Estados Unidos aceleraram os seus programas lunares, mas seguiram caminhos diferentes. Os soviéticos colocaram-se à frente quando enviaram uma nave espacial não tripulada, a “Zond-5”, numa viagem que a levou a dar a volta à Lua e a regressar à terra em Setembro. A “Zond-5” levava a bordo tartarugas, germes e insectos.

Em Outubro, o programa tripulado dos Estados Unidos, após um atraso de 20 meses, devido à morte de três astronautas, voltou novamente ao campo das realizações [...].¹⁶

Sendo certo que a URSS conheceu avanços na corrida à lua, os EUA vieram a recuperar o seu atraso, provocado pelo acidente de Janeiro de 1967, que causou a morte de três astronautas, a bordo da Apollo 1, ainda antes do lançamento: Virgil Grissom, Roger Chaffee e Edward White¹⁷.

13 “A influência dos Açores no controlo do Atlântico constitui o fundamento da criação da base das Lajes. De facto, esta é a motivação do empenho dos estrangeiros, tanto da chegada dos ingleses como, sobretudo, da permanência dos norte-americanos. [...]. A construção da base das Lajes provoca considerável impacto. De facto, o regime de habitação, o carácter das actividades económicas e o convívio social experimentam grandes transformações que em muito alteram o quotidiano dos lajenses” (Meneses 2001, 57 e 62). Aos lajenses, acrescentem-se os terceirenses, em geral.

14 *Diário Insular*, n.º 6.813, 9 de Janeiro, 1969.

15 *Diário Insular*, n.º 6.813, 9 de Janeiro, 1969.

16 *Diário Insular*, n.º 6.815, 11 de Janeiro, 1969.

17 Devido a falhas na construção da nave, deflagrou um grave incêndio no *cockpit*, aquando da simulação do lançamento e os astronautas, impedidos de sair, tiveram

Com base nas descrições e imagens obtidas pelos exploradores do espaço a partir das naves espaciais, o jornal terceirense publicou uma interessante antevisão da chegada do Homem à lua, retratando a sua superfície com um relevo muito mais acidentado do que a realidade (fig. 2).



2 Antevisão da chegada do Homem à lua. Recorte do *Diário Insular*, n.º 6.816, de 13 de Janeiro de 1969. Coleção de Periódicos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

Além das notícias já referidas anteriormente, sobre as acoplagens de naves russas e o atentado do Kremlin, o *Diário Insular* vai mais além e realça os progressos inerentes à corrida espacial, tanto a nível tecnológico, como a nível científico, nomeadamente no domínio da medicina¹⁸. Com grande detalhe, descreve a complexidade dos fatos espaciais a envergar pelos cosmonautas que iam descer à lua, naquela que era “a maior aventura do século XX”¹⁹. Etapa a etapa, este periódico ia acompanhando os avanços americanos, incluindo as primeiras experiências do módulo de exploração lunar que ia ser utilizado na descida à lua.

uma morte trágica. Este acontecimento obrigou a profundas mudanças no projecto Apollo, com o intuito de reforçar as medidas de segurança.

18 *Diário Insular*, n.º 6.839, 8 de Fevereiro, 1969.

19 *Diário Insular*, n.º 6.840, 9 de Fevereiro, 1969.

Um assunto que mereceu natural cobertura noticiosa, quer pelo *Diário dos Açores*, quer pelo *Diário Insular*, foi o da visita a Portugal do apolonauta norte-americano Frank Borman, que comandara a missão da Apollo 8 (**fig. 3**). Os périplos propagandísticos pela Europa, por parte dos “heróis” da década, tornaram-se habituais, sendo que estes eram acolhidos com grande entusiasmo, merecendo as atenções dos mais altos dirigentes dos Estados. Em Portugal, Borman foi recebido pelo Presidente da República, Almirante Américo Tomás, a quem ofereceu uma fotografia a cores da superfície lunar, tirada a 100 quilómetros de distância, e ainda por Marcelo Caetano, então Presidente do Conselho, a quem brindou com um fac-símile emoldurado do Acordo Internacional de resgate e protecção aos astronautas, de que Portugal fez parte, e que garantia a protecção e restituição de qualquer astronauta que caísse nos seus territórios²⁰.



3 Visita do Coronel Frank Borman a Portugal. Na imagem, deposita, com grande simbolismo, uma coroa de flores junto ao túmulo de Vasco da Gama, no Mosteiro dos Jerónimos. Recorte do *Diário dos Açores*, n.º 26.961, de 2 de Abril de 1969. Coleção de Periódicos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

20 *Diário Insular*, n.º 6.848, 20 de Fevereiro, 1969. Entre os vários tratados subsequentes ao estabelecimento de políticas em torno da exploração do espaço, foi assinado, em 1967, por vários países, o *Agreement on the Rescue of Astronauts, the Return of Astronauts and the Return of Objects Launched into Outer Space*, conhecido como *Rescue Agreement*.

Ambos os diários destacaram, em efusivas manchetes, o sucesso da missão da Apollo 10, que estivera somente a 6 km da Lua, augurando assim a descida do Homem àquele satélite. O lançamento ocorrera no Cabo Kennedy e o veículo propulsor fora o foguetão Saturno 5 (de 3100 toneladas). Para os redatores do *Diário Insular*, este voo audacioso fora o “ensaio geral” para a primeira alunagem, permitindo preparar a separação da nave e do módulo lunar que deveria ficar na órbita do satélite terrestre²¹.

Empenhado ainda no esclarecimento dos leitores, o jornal sediado em Angra do Heroísmo encontrou respostas para a pergunta do momento: porque é que o Homem insistia em ir à Lua? Em primeiro lugar, por ser o satélite natural da Terra, propiciando a sua conquista grande prestígio àqueles que o conseguissem. Em segundo lugar, porque a Lua poderia permitir novas descobertas e uma melhor compreensão do próprio planeta Terra. Por outro lado, as observações e a recolha de rochas podiam ajudar a compreender a formação da própria Lua. Por fim, os cientistas procuravam provas para as teorias existentes: se tinha havido água na Lua, se existiam rochas vulcânicas e erosão ou se havia ou já tinha havido alguma forma de vida²². Por conseguinte, a ida à Lua teria repercussões políticas e de afirmação de uma das superpotências a nível mundial, mas sobretudo teria consequências marcantes a nível científico.

Por seu turno, *O Telégrafo* – diário da cidade da Horta – também ia dando cobertura à corrida ao espaço, ainda que em pequenas notícias, de primeira página, sem a visibilidade atribuída pelos seus congéneres. A viagem da Apollo 9, os engenhos enviados para o espaço, a hipótese de vida em Vénus, a forma da Lua, as tentativas russas, a possível previsão de abalos sísmicos terrestres a partir do satélite natural, enfim, a previsão da alunagem em Julho, são alguns dos títulos que encontramos neste periódico, ao longo dos meses de Janeiro a Junho²³.

Além da informação avançada sobre a corrida espacial e os avanços na conquista da Lua, a imprensa local concedia também espaço a diversos artigos de opinião, demonstrativos de como o interesse por estas matérias era transversal a uma parte da sociedade portuguesa. Referimo-nos, naturalmente, às elites do regime e a uma ampla camada da classe média. Perante a evolução científica e técnica a que o mundo assistia, alguns mitos seculares pareciam

21 *Diário Insular*, n.º 6.917, 14 de Maio; n.º 6.922, 20 de Maio e n.º 6.926, 24 de Maio, todos de 1969.

22 *Diário Insular*, n.º 6.922, 20 de Maio, 1969.

23 *O Telégrafo*, n.º 29.757 a n.º 29.887.

esboroar-se, levando mesmo a um confronto entre lirismo e ciência, bem evidenciado neste excerto de um artigo da autoria de Augusto de Castro, figura proeminente do Estado Novo²⁴.

[...] Desfez-se, como tudo em que o homem toca, e verificou-se que a Musa que vivia, há tantos séculos, no coração dos Amantes e dos Líricos, não passava de um montão de pedregulhos, de areias queimadas, de crateras esquálidas. Mas tudo na vida tem as suas compensações. E em vez de sermos os Poetas cá em baixo, como dantes a festejar a Lua, foram os navegadores lunáticos, lá em cima, a cantar agora, em prece, a Terra.

Em homenagem à inspiração do Espaço, parece que a Terra vista da Lua é muito mais bela e luminosa do que a Lua vista da Terra. Havia de chegar a nossa vez de brilhar. Quando lá nas alturas siderais houver uma colónia humana e turística, as noites de luar do nosso Planeta serão substituídas nos astros pelas poéticas e lânguidas noites de terrar que os idílicos lunáticos celebrarão em doces rimas.

[...] a lua dos nossos extáticos avós, faleceu. Algumas centenas de Sábios estão actualmente a esquarterjá-la, [...], a cortá-la em fatias científicas – e no que restar, depois de passar pela morgue, os homens instalarão uma espécie de entroncamento para as futuras excursões a Marte e à Via Láctea e transportarão para lá a guerra do Vietname e a gripe de Hong Kong [...]. (Castro 1969)

Segundo o autor, o que outrora podia imaginar-se no domínio da ficção científica afigurava-se uma espantosa realidade que contrapunha a beleza do planeta Terra, visto do espaço, à aridez da “romântica e luminosa” Lua, cantada pelas gerações do passado e que, agora, era desmistificada às mãos dos cientistas e dos astronautas. Quão diferente era, então, o significado da expressão “andar no mundo da lua” ou a nova hipótese das “noites de terrar”! Ainda assim, Augusto de Castro – dividido entre o fascínio e a inquietação de quem assiste a acontecimentos revolucionários – previa a instalação de colónias turísticas e futuras excursões a Marte e à Via Láctea que talvez pudessem pôr cobro aos terríveis confrontos bélicos e fenómenos epidémicos que ensombavam os humanos, na Terra daquele tempo.

24 Augusto de Castro de Sampaio Corte-Real, natural do Porto (1883-1971), foi advogado, jornalista, diplomata e político e tornou-se numa figura destacada, em 1940, ao assumir o cargo de comissário da Exposição do Mundo Português. Foi, por mais de uma vez, director do *Diário de Notícias* e colaborou com outros órgãos de comunicação social como o *Boletim do Sindicato Nacional de Jornalistas*. Ver *Augusto de Castro Sampaio Corte Real [Augusto de Castro]*, s.d.

Também pelas palavras do padre Diniz da Luz²⁵, assíduo colaborador do periódico micaelense, se pode depreender que, não obstante os olhos estarem postos na Lua, as preocupações incidiam sobre as ameaças à paz e à estabilidade, em pleno contexto de Guerra Fria. Afinal, o que traria ao mundo a conquista da Lua? Que superpotência a alcançaria primeiro?

Estamos nos começos de 1969 e o espírito do Ano Bom ainda prevalece, após o “ano incrível” findo sob os melhores auspícios, o da primeira viagem interplanetária dos americanos que “andaram” à volta da Lua. Estava marcada para 1970, ou até essa data, a descida do homem no satélite natural da Terra, que visto de perto não tem graça ou poesia [...].

Pois os russos acabam, a meados deste mês, de fazer a junção de duas cápsulas [...], tornando assim real, ou viável para breve, o estabelecimento de plataformas espaciais donde mais facilmente partam à conquista da Lua ou de outros planetas [...]. Quem chegará primeiro à Lua? Parece que os russos e os americanos têm planos espaciais diferentes. De qualquer modo, ambos os países, estão bem dentro da “aventura”, senhores dos meios indispensáveis para grandes excursões, por enquanto só previsíveis no nosso sistema [...].

Servirão estes empreendimentos a causa da paz, levando para longe da Terra a competição russo-americana, em plano científico e cósmico? Ou a guerra [...] poderá infelizmente vir a beneficiar da conquista do espaço, quando satélites, com armas mortíferas, girarem à volta do globo prontos a atingir alvos precisos? (Luz 1969)

Sendo certo que a corrida ao espaço motivava alguma apreensão, fruto do potencial bélico soviético e norte-americano, também era certo o reconhecimento, por parte de alguma opinião publicada, dos progressos e ganhos

25 Natural de São Pedro do Nordeste, ilha de São Miguel, este sacerdote, poeta e jornalista (nascido por volta de 1915), era ainda aluno do seminário de Angra, quando começou a colaborar com a imprensa local, nomeadamente com o jornal *A União*. Em 1938, depois da sua ordenação, foi enviado, pela Diocese, para Lisboa, a fim de adquirir experiência jornalística. Trabalhou, durante vários anos, como redactor do jornal católico *A Voz* e, durante o período que se manteve na capital, colaborou, regularmente, em diversos periódicos açorianos (*A Ilha*, *A União*, *Açoriano Oriental*, *Diário dos Açores*, *Correio dos Açores*, *A Crença*), bem como em outros do continente e, ainda, da diáspora açoriana. No campo literário, inseriu-se no Modernismo e escreveu poesia, contos e ensaios. Foi membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada e foi condecorado com a medalha da Liberdade do rei Jorge VI de Inglaterra e com o grau de Oficial da Ordem de Leopoldo II, da Bélgica. Ver Enes s.d.b.

científicos daí decorrentes. A admiração pela evolução da ciência e da tecnologia é a tónica central do testemunho pessoal do famoso arquitecto português Raul Lino²⁶, que abaixo transcrevemos.

Pelo que se está passando, verificamos que as proezas astronáuticas conseguem sobrepor-se no ânimo popular ao pavoroso terramoto crónico que presentemente se evidencia alastrando por todas as esferas espirituais do Mundo. Acho isto triste, mas talvez seja natural. Na minha franca ignorância devo confessar que o que mais me assombra nas viagens de ida e volta à Lua é a parte estupenda e predominante das complexas técnicas que entram nos preparativos para o turismo interplanetário, e é de espantar o que nesse fito já se tem conseguido em relativamente tão curto prazo.

Quanto à parte astronómica propriamente, devo ainda confessar que as actuais façanhas não vieram aumentar muito o enorme respeito que desde os meus verdes anos já se havia formado no meu espírito, nutrindo uma admiração cega por essa ciência que sempre me pareceu estar ao nível da incomensurabilidade da matéria sideral.

Exultei quando pela primeira vez ouvi dizer como se media a distância entre a Terra e as estrelas mais longínquas por meio de um processo trigonométrico [...]. (Lino 1969)

De facto, as viagens espaciais, que uma ampla camada da população mundial ignorou ou encarou com indiferença, propiciaram inestimáveis contributos à evolução da ciência, quer a nível da investigação e das viagens no sistema solar, quer no tocante à tecnologia (desenvolvimento dos satélites e das telecomunicações), quer ainda no domínio de outras áreas, onde se inclui a medicina. Um dos exemplos citados pela imprensa açoriana foi o do capacete espacial que inspirou a criação de um idêntico, utilizado em hospitais

26 Conhecido e conceituado arquitecto português, nascido em Lisboa (1879) no seio de uma família abastada, estudou num colégio católico, em Inglaterra, e prosseguiu estudos na Alemanha, onde cursou arquitectura e aprofundou o estudo da língua germânica. Por finais do século XIX, regressou a Portugal, onde completou o seu curso. Viajou por todo o país, procurando uma definição de “casa portuguesa”. Os valores nacionais estão, pois, presentes na sua vasta obra, representada em mais de 700 projectos. Além da sua actividade profissional, exerceu cargos na administração pública, nomeadamente na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Projectou muitas escolas do país e enfatizou o papel fundamental do arquitecto como educador. Deixou ainda alguns estudos teóricos. Ver Durante 2015.

pediátricos, a fim de medir o consumo de oxigénio. Outro exemplo apresentado foi o da técnica concebida para a construção e montagem das naves espaciais, de modo a garantir que fossem biologicamente estéreis, o que veio a reflectir-se na concepção das salas de operações e nos melhoramentos dos hospitais²⁷. Extraordinário avanço científico foi concretizado, também, através dos complexos fatos espaciais dos astronautas que desceram à Lua. Equipados com refrigeração e preparados para o embate de meteoritos, permitiam a comunicação entre eles e, destes, com a Terra. Fato e equipamento pesavam, na Lua, somente cerca de 9,5 kg, um sexto do peso na terra. Mais volumoso era o custo de cada fato. Nada menos do que 100 000 dólares²⁸.

A percepção das mudanças e das inovações numa década de revolução juvenil (anos 60) teve um profundo impacte, agudizando o conflito de gerações. Aos espíritos conservadores opunham-se os jovens, críticos e precursores de uma autêntica contracultura. A contestação aos poderes dominantes motivava comportamentos diferentes, novas reivindicações e um enorme fascínio pelas tecnologias de ponta, na esperança de uma profunda mudança social, económica e política. Às audácias juvenis respondiam os porta-vozes das gerações mais velhas, com eco nas páginas da imprensa açoriana. A publicação de um artigo de Pierre Gaxotte²⁹, escrito a pretexto da corrida espacial, reflecte esse mesmo confronto e até algum mal-estar face aos avanços da rebeldia, da cultura e das mentalidades dos mais novos.

A juventude está deslumbrada e até um tanto ou quanto desnordeada pelo mundo científico e técnico em que vive e que se está transformando a olhos vistos. Certo número de jovens que não conheceram outro universo, senão o deles, chegam a pensar que este lhes pertence, e só a eles, que os pais nele estão a mais e só lhes resta desaparecerem.

Para mal destes faladores ambiciosos, o que deslumbra os jovens, o que eles reivindicam como coisa sua, não é de modo algum, obra deles [...]. Mas a verdade é que foram os papás que inventaram tudo, que criaram tudo, que descobriram

27 *Diário Insular*, n.º 6.839, 8 de Fevereiro, 1969.

28 *Diário Insular*, n.º 6.894, 9 de Fevereiro, 1969.

29 Historiador francês, foi professor de liceu e colunista do jornal *Le Figaro*. Ao longo da sua vida (1895-1982), publicou numerosos estudos de História (sobre o reinado de Luís XIV, a Revolução Francesa, a História da França e a da Alemanha) que lhe valeiram, em 1953, a eleição como membro da Academia Francesa. Foi ainda jornalista no período entre as guerras mundiais. Era um homem culto, conservador e simpatizante da monarquia. Ver *Pierre Gaxotte*, s.d.

tudo [...]. Os papás é que fizeram progredir a ciência, é que inventaram o automóvel, o avião, a TV, os plásticos, os foguetões. Porque é, então, que eles abdicam da sua autoridade? Porque admitem eles que o respeito que lhes é devido dê lugar à insolência? (Gaxotte 1969)

Aos confrontos geracionais, somavam-se outros paralelismos e comparações. Destes dava conta o correspondente Ferreira Moreno (a quem já nos referimos), na secção “Crónica da Califórnia” do periódico terceirense. Enquanto soviéticos e norte-americanos prosseguiam com a maior aventura da humanidade, numa conquista histórica da Lua e, conseqüentemente, do espaço sideral, as pequenas ilhas açorianas continuavam fustigadas pela incúria dos homens e do tempo, desprovidas de infra-estruturas básicas como portos de abrigo! Ironicamente, o país que dera novos continentes ao mundo, que enviara arrojados navegadores a mares “nunca dantes navegados”, numa epopeia grandiosa e vanguardista, teimava em descurar o investimento nos estratégicos arquipélagos atlânticos, em pleno século XX.

Chega-me aos ouvidos que nas Ilhas continua ainda sem solução um problema antigo – a falta de portos de abrigo. Julgo que o problema é tão velho como a Salve Rainha! (Salvo seja!)

Pois bem, com a recente viagem da Apollo 8, três astronautas americanos abriram novos horizontes à Humanidade, quebrando, para sempre, umas das mais antigas leis do mundo – a lei da gravidade terrestre.

Num instante, o espaço e o seu vasto conteúdo tornaram-se numa íntima realidade. E estou em apostar que, em breves décadas, modernas Arcas de Noé, propulsionadas com energia nuclear, seguirão na esteira de novos planetas. A inolvidável jornada do Coronel Borman, Capitão Lowell e Major Anders, constitui o primeiro passo numa série de explorações inter-espaciais, numa nova era de descobertas. Nas páginas da História, os nomes destes astronautas pertencem ao mesmo nível dos primeiros marinheiros portugueses que viajaram ao longo da costa africana, e Cristóvão Colombo que veio a descobrir um novo continente. (Moreno 1969)

A diversidade de ideias e de opiniões, plasmadas nas páginas dos diários açorianos, constitui um importante testemunho das múltiplas interpretações em torno de um dos maiores acontecimentos da passada centúria. Olhares multifacetados debruçavam-se sobre o gigantesco desafio da humanidade e da ciência.

A cobertura da primeira alunagem

Nas vésperas do grande feito dos selenitas da Apollo 11, as primeiras páginas dos três diários reflectiam a enorme expectativa que então se vivia. Títulos como “Da Terra à Lua. A partida é amanhã”, “A Viagem da Apollo 11. O programa da grande aventura” (*Diário dos Açores*), “Tudo a postos. Amanhã, os primeiros que vão à Lua iniciam a viagem. Um sonho da Humanidade prestes a realizar-se” e “A Viagem à Lua. 592 milhões de espectadores vão acompanhar directamente pela TV a histórica e emocionante viagem da Apollo 11” (*Diário Insular*) despertavam as atenções, mesmo dos mais incrédulos ou distraídos. O *Telégrafo* destacava a partida da nave, com uma enorme fotografia da primeira cápsula Apolo, que inaugurava esta “longa e difícil caminhada” em direcção ao satélite da Terra. Além disso, classificava esta missão espacial como “O Maior Acontecimento do Nosso Tempo”³⁰.

Os jornais avançavam informações que atestavam a complexidade logística em torno do lançamento do foguetão de 3300 toneladas, bem como toda a grandeza desta missão. Mil técnicos da NASA estavam em serviço permanente e milhares de curiosos “amontoavam-se” nas redondezas do Centro Espacial. A partida estava programada para o dia 16 de Julho, às 14h32 de Lisboa. Previam-se transmissões de imagens, a cores e a preto e branco, da aproximação, da entrada da nave na órbita lunar e, naturalmente, da descida ao satélite terrestre, graças ao facto de seguirem, a bordo, várias câmaras de televisão. Uma imagem do “Mare Tranquillitatis” mostrava, aos leitores, o local em que se faria esta descida.

No dia 20 de Julho de 1969, os astronautas da Apollo 11 pousaram e pisaram a Lua. Nos dias imediatos, o acontecimento foi noticiado nas primeiras páginas dos três periódicos insulares.

A manchete do diário de Ponta Delgada (**fig. 4**) destacava a alunagem, com fotografias dos dois astronautas e um desenho, de antevisão, da colocação da bandeira dos EUA na superfície lunar. Em baixo, à esquerda, apresentava a placa que Neil Armstrong transportara, com a seguinte inscrição “HERE MEN FROM THE PLANET EARTH FIRST SET FOOT UPON THE MOON. JULY 1969. A. D. WE CAME IN PEACE FOR ALL MANKIND”. Abaixo, constavam as assinaturas dos três cosmonautas e do então Presidente norte-americano, Richard Nixon. O jornal classificou-a como o “Padrão das Novas Descobertas”.

30 O *Telégrafo*, n.º 20.916, 17 de Julho, 1969.



5 Primeira página do *Diário Insular*, n.º 6.972, de 22 de Julho de 1969. Coleção de Periódicos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

O diário angrense (fig. 5) destacava a façanha dos americanos, mas também a sintonia da humanidade com Armstrong, citando as palavras de esperança do presidente Nixon, segundo o qual, se os homens tinham conseguido chegar à Lua, também seria possível um entendimento entre eles. Seria, seguramente, uma alusão à Guerra Fria, senão mesmo à Guerra do Vietname.

Abaixo, transcrevem-se algumas passagens das notícias, sobre a alunagem, publicadas pelo jornal faialense (**fig. 6**):

Durante longos minutos a humanidade esteve suspensa da pequena área onde Armstrong e Aldrin voavam para a Lua. A 77 metros da superfície os astronautas diziam: Descemos lindamente; a 23 metros: Tudo corre bem; a 9 metros: Apanhamos alguma poeira. Finalmente, às 21h 17m e 42s: Estabelecemos contacto. As vozes calmas dos astronautas, em contraste com os que vigiavam no controle de terra, foram pormenores da descida. [...].

Dez minutos depois da alunagem, Aldrin informou pela rádio: “Damos pormenores do que aqui se vê. Parece uma colecção de todas as variedades de formas [...]; colecção de rochas de todos os tipos. As cores dependem do ângulo de visão [...]. A alunagem, após 380 mil km percorridos desde a Terra, fez-se com 81 segundos de avanço sobre o momento previsto.³¹

O mesmo periódico deu igualmente conta do entusiasmo que a ciência e as missões espaciais despertavam entre o cidadão comum mais informado. Também nas ilhas, quando se tomou conhecimento de que documentários científicos sobre a missão Apolo estavam a ser apresentados ao público, em Lisboa, outro jornal micalense, o *Correio dos Açores*, lançava o oportuno repto de os mesmos virem a ser exibidos em Ponta Delgada, tal o interesse com que toda a gente seguira, pela rádio, as fases da Apollo 8³².

Volvidos alguns meses sobre a projecção na capital, os documentários chegaram a São Miguel através do Consulado dos Estados Unidos. Foram exibidos, por iniciativa do referido periódico, em Ponta Delgada: “A Missão Apolo”, “Apollo 8 – Jornada à Volta da Lua” e “Apollo X: prelúdio da alunagem”³³.

Ainda no rescaldo da mais famosa missão lunar, prosseguiram, nos jornais locais, as notícias sobre o evento. Por exemplo, a abertura da caixa de alumínio maciço, que os apolonautas haviam carregado com rochas lunares, motivava enorme curiosidade. Mesmo entre cientistas acreditava-se que “a Lua não revela facilmente os seus segredos”. Dizia-se que os “bocados da lua” estavam cobertos por uma fina camada de uma substância que se pensava ser carbono ou grafite, mas que nada se afigurava identificável³⁴. Inúmeras notícias

31 *O Telégrafo*, n.º 20.920, 22 de Julho, 1969.

32 *Correio dos Açores*, n.º 14.381, 16 de Julho, 1969.

33 *O Telégrafo*, n.º 20.930, 2 de Agosto, 1969; *Correio dos Açores*, n.º 14.387, 23 de julho, 1969.

34 *Diário dos Açores*, n.º 27.056, 2 de Agosto, 1969.

continuaram a merecer atenta cobertura dos jornais *O Telégrafo* (fig. 7) e *Diário dos Açores*: a amargem e o fim da quarentena dos astronautas – “termo feliz para a maior aventura do século”³⁵; a primeira conferência de imprensa ocorrida no Centro Espacial de Houston (perante 300 jornalistas do mundo inteiro e com transmissão televisiva para milhões de espectadores), em que Armstrong, Aldrin e Collins contaram (e mostraram) aspectos da conquista da Lua³⁶; a viagem de amizade dos heróis e celebridades do momento “à volta do mundo” que, segundo a Casa Branca, era uma jornada de partilha de conhecimentos espaciais e de cooperação pacífica – expressões eufemísticas da palavra *propaganda*; o prosseguimento do programa espacial norte-americano, de acordo com o anúncio do Senado de que estariam aprovados mais três voos, de uma série de nove, previstos para os três anos seguintes, num projecto equivalente a 103,6 milhões de contos³⁷. Em Outubro e Novembro de 1969, a preparação da viagem da Apollo 12, tripulada por Charles Conrad, Richard Gordon e Alan Bean, já era manchete do jornal micaelense³⁸.



7 Fotografia da recolha, no mar, dos tripulantes da Apollo 11. No título sublinha-se que não haverá festas, nem apertos de mão, porque os três seguirão para isolamento. *O Telégrafo*, n.º 20.923, de 25 de Julho de 1969. Coleção de Periódicos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

35 *Diário dos Açores*, n.º 27.063, 11 de Agosto, 1969.

36 *Diário dos Açores*, n.º 27.063, 11 de Agosto, 1969, e n.º 27.070, 18 de Agosto, 1969.

37 *Diário dos Açores*, n.º 27.097, 20 de Setembro, 1969.

38 *Diário dos Açores*, n.º 27.131, 30 de Outubro, 1969, e n.º 27.140, 11 de Novembro, 1969.

A idade da Lua

As pedras trazidas do Oceano das Tempestades pelos astronautas da «Apolo XII» têm meio bilião a dois biliões de anos a menos do que as apanhadas pela tripulação da nave anterior.

A afirmação baseia-se na análise dos gases raros extraídos de certas rochas cristalinas integradas nas amostras lunares. — E. N.

O homem já enviou para o Espaço 3.637 engenhos diversos

COLORADO SPRING, 11 — O Comando da Defesa norte-americano revela que desde 1957, ano em que foi lançado o «Sputnik I», o homem enviou para o Espaço 3.637 engenhos diversos. Alguns foram recuperados, outros arderam ao reentrar na atmosfera terrestre. Restam 1.400.

Em Vénus

a vida humana ultrapassa a ser realidade?

MOSCOVO, 7 — Os russos pensam enviar para Vénus bactérias que podem viver sem oxigénio e que o libertam através do seu metabolismo, vindo a tornar possível a sobrevivência do homem na atmosfera venusina. Se a experiência russa resultar, a atmosfera de Vénus pode, dentro de alguns séculos, ficar enriquecida de oxigénio e a vida humana no planeta será então uma realidade.

A Lua não é redonda

MOSCOVO — Cientistas do Observatório Astronómico da Academia das Ciências da Ucrânia chegaram à conclusão de que a forma da Lua é assimétrica e alongada na direcção da Terra.

Os estudos foram feitos com base em documentos obtidos na União Soviética, nos Estados Unidos e na Áustria.

Fies não acreditam nos discos voadores

O HOMEM NÃO SERÁ VISITADO POR NAVES ESPACIAIS

VINDAS DE OUTRAS CIVILIZAÇÕES DENTRO DOS PRÓXIMOS DEZ MIL ANOS

WASHINGTON — Os cientistas não acreditam que sejam capazes de enviar objectos capazes de serem recebidos por outras civilizações dentro dos próximos dez mil anos, segundo conclusão de cientistas americanos, após estudos sobre «objectos voadores não identificados».

PASSAGEIROS PARA A LUA MAIS DE CEM

NOVA YORK, 31 — Há mais de uma centena de inscrições na primeira viagem comercial para a Lua — anuncia a «Pan American Airways».

A viagem da «Apolo 8» — informa a companhia — reavivou o interesse do público por este voo comercial e houve muitas inscrições desde segunda-feira. As inscrições são registadas e desse registo é informado o passageiro. — ANI

A LUA NÃO SERÁ PROPRIEDADE DOS ESTADOS UNIDOS

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON — Embora tenham implantado uma bandeira dos Estados Unidos na Lua, o satélite natural da Terra não fica a ser propriedade norte-americana.

Segundo os termos do tratado de 1967 sobre os princípios que subordinam a exploração do Espaço, assinado por 60 países incluindo a Rússia, a Lua ou outro qualquer corpo celeste não poderá nunca ser considerado propriedade nacional.

Um russo na Lua no fim do ano

— anuncia o astronauta Leonov

8 Recortes dos jornais *Diário dos Açores*, *Diário Insular* e *O Telégrafo* dos meses de Julho e Agosto de 1969. Colecção de Periódicos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

Às notícias, somavam-se as curiosidades sobre as viagens espaciais e a abertura a novas conquistas futuras, envolvendo, como se esperaria, inúmeras especulações. Sendo certo que as missões Apollo, seguidas de muito perto dos avanços soviéticos, vieram a propiciar, mais tarde, os programas espaciais de muitas outras potências mundiais (europeias e orientais e, entre estas, a China e a Índia), nem tudo se realizou conforme adiantado naquela época, como se pode comprovar em vários títulos dos três jornais (fig. 8).

Por último, as palavras do sacerdote e jornalista Dinis da Luz dão-nos conta do turbilhão de pensamentos e sentimentos vividos após a primeira alunagem.

[...] Há o sentimento de que, com a conquista da Lua, começa outro mundo. No limiar da era espacial, sente-se a necessidade de outra imagética, outra linguagem poética. [...] Com a chegada do homem à Lua, o romantismo sofre um rude golpe. Há interferências na Lua e no luar. A Lua perde o seu encanto a olhos vistos, embora alcance novo prestígio na era tecnológica. [...] Diz o nosso povo, num adágio feliz “Luar de Janeiro não tem parceiro, mas vem o de Agosto que lhe dá no rosto”.

Vivemos agora a era do “luar de Julho”, com a Lua já violada pelos pés do homem, desfazedor de mistério e fazedor de novos mitos. Pelas vistorias feitas, já se sabia que a Lua não é tão bonita como parece. [...] Quem sabe se, mais ano menos ano, não será uma base americana ou russa? Se a Lua se converter, por este andar, no sexto continente, ou em rampa de lançamentos espaciais mais ousados, haverá ainda quem se enamore dela [...]?

Por mim, alegro-me com a magnífica vitória do engenho humano americano. Sinto, porém, ao mesmo tempo, uma certa mágoa ao ver desaparecer no céu um dos lugares eleitos e isentos da culpa original do homem [...]. (Luz 1969)

Considerações finais

A conquista do espaço, na segunda metade do século XX, concitou as atenções mundiais, apesar de nem toda a população do planeta vibrar com este arrojado projecto científico e tecnológico. Preocupações de foro económico, social e político preenchiam muito mais o quotidiano do que a descoberta do desconhecido e a exploração do satélite da Terra, encarado como inóspito e, portanto, pouco promissor para os humanos. Porém, milhões de pessoas iam seguindo, em todo o planeta, as aventuras e desventuras dos cosmonautas, em especial quando a missão da Apollo 11 permitiu concretizar, com sucesso, a

primeira alunagem. Apesar da situação periférica e da condição insular, os Açores acompanharam, por intermédio da sua imprensa (e, por via mais indirecta, da Emissora Nacional), o programa espacial dos EUA (e, em menor escala, por razões óbvias, da URSS), bem como o “maior acontecimento do século” alcançado por Armstrong, Collins e Aldrin. Nem todos os açorianos, mas alguns, oriundos de grupos urbanos e mais informados, seguiram as reportagens, as notícias e as imagens possíveis e, com certeza, adivinharam e concordaram que o alcance destas missões não seria só daquele tempo, mas do futuro mais próximo e longínquo, com benefícios para toda a humanidade. O *Diário Insular* sublinhou nas suas colunas, no próprio ano de 1969, os progressos científicos e tecnológicos decorrentes deste colossal empreendimento como algo que contribuiria “para dar remédio a muitas anomalias sociais”, entre elas a própria organização do trabalho entre homens e mulheres, com base nos seus talentos e capacidades, concorrendo para o incremento das economias nacionais³⁹. Pelas palavras de Steven J. Dick, da NASA, podemos compreender ainda melhor as consequências da alunagem e da exploração espacial:

The consequences of space exploration as already undertaken stand before us for examination. They occur on many levels: commercial applications, education and inspiration to youth, applications satellites, scientific benefits, and philosophical implications. All are open to analysis, and as we approach the fiftieth anniversary of the Age of Space, we should examine, with historical objectivity, precisely what the impact of the Age of Space has been.

Space has had more tangible impacts on society. To take only one, imagine where we would be without applications satellites. We now take for granted photographs of weather and Earth resources data from space, as well as navigation and worldwide communications made possible by satellite.

Along with human and robotic missions, the late twentieth century will be remembered collectively as the time when humans not only saw the Earth as a fragile planet against the backdrop of space, but also utilized near-Earth space to study the planet's resources, to provide essential information about weather, and to provide means for navigation that was both life-saving and had enormous economic implications. (Dick 2005)

39 *Diário Insular*, n.º 6.971, de 20 de Julho de 1969.

Bibliografia

- ANDRADE, Manuel Jacinto de. 1994. *Jornais Centenários dos Açores*. s.l.: Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores / Gabinete do Subsecretário Regional da Comunicação Social.
- “Augusto de Castro Sampaio Corte Real [Augusto de Castro]”. Parlamento / Publicações online, consultado a 18 de Fevereiro de 2020, https://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa/html/pdf/c/corte_real_augusto_de_castro_sampaio.pdf.
- BRIGGS, Asa. 1995. “Introdução”. In *História do Século XX. A Cultura da Juventude*, 6-9. Lisboa: Alfa Editora.
- CASTRO, Augusto. 1969. “Do Alto da Lua”. *Diário dos Açores*, n.º 26.890, 7 de Janeiro, 1969.
- DICK, Steven J. 2005. “Social Impact of the Space Age”. In *Beyond Earth. Expanding Human Presence into the Solar System*. USA: NASA. https://www.nasa.gov/exploration/whyweexplore/Why_We_09.html.
- DURANTE, Sílvio. 2015. “Raúl Lino da Silva”. In *Enciclopédia Biográfica de Arquitectos Digital*, verbete actualizado em 2015. <https://www.ebad.info/silva-raul-lino-da>.
- ENES, Carlos. s.d.a “Diário Insular”. In *Enciclopédia Açoriana*. Governo dos Açores / Direcção Regional da Cultura. Consultado a 17 de Fevereiro de 2020. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=2674>.
- _____. s.d.b. “Dinis da Luz (D. da L. de Medeiros)”. In *Enciclopédia Açoriana*. Governo dos Açores / Direcção Regional da Cultura. Consultado a 19 de Fevereiro de 2020. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=8290>.
- GADDIS, John Lewis. 2007. *A Guerra Fria*. Lisboa: Edições 70.
- GAXOTTE, Pierre. 1969. “Os Papás e os Foguetões”. *Diário Insular*, n.º 6.833, 1 de Fevereiro de 1969.
- LINO, Raúl. 1969. “Divagação super-realista”. *Diário dos Açores*, n.º 26.933, 27 de Fevereiro de 1969.
- LUZ, Dinis da. 1969. “A Conquista da Lua e os que não têm tempo de pensar nisso”. *Diário dos Açores*, n.º 26.905, 23 de Janeiro de 1969.
- KEYLOR, William R. 2001. *História do Século XX. Uma síntese mundial*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- MENESES, Avelino Freitas de. 2001. *As Lajes da Ilha Terceira. Aspectos da sua História*. Angra do Heroísmo: Edições Blu.
- MORENO, Ferreira. 1969. “Porto no Espaço”, *Crónica da Califórnia. Diário Insular*, n.º 6.822, 19 de Janeiro de 1969.
- “Pierre Gaxotte”, *Dictionnaire – Académie Française*, Biographie, n.º 602, consultado a 19 de Fevereiro de 2020. <https://www.academie-francaise.fr/les-immortels/pierre-gaxotte>.

- RIBEIRO, Nelson. 2007. “A Emissora Nacional: das emissões experimentais à oficialização (1933-1936)”. *Comunicação & Cultura* 3: 175-199. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2007.446>.
- SILVA, Sónia Marisa Pereira da. s.d. *Contributo para uma História das Agências Noticiosas Portuguesas*. Trabalho efectuado no âmbito do seminário de História dos *Media*, do Mestrado em Comunicação e Jornalismo, da UBI. Consultado a 17 de Fevereiro de 2020. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sonia-agencias-noticiosas-portugal.html#SECTION00002000000000000000>.